

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 448/2017

DE VOLTA

Em duas semanas de visita a Portugal e à Itália, o que vi de novo foi o momento de pujança e prestígio do velho Portugal, resultado de sua política de paz e respeito a todas as nações: uma Lisboa bela, bem cuidada e corretamente modernizada, com seus hotéis lotados de turistas de todo o mundo em busca de paz, beleza e amor, os velhos e eternos valores da humanidade.

Pena o clima depressivo em que vive o Brasil, golpeado e envenenado pela corrupção e pela ação do grande capital, em reação à importância que adquiria no jogo político mundial. Outra fosse a condição brasileira, Portugal e Brasil, juntos, poderiam convocar, com a ONU agora dirigida por um eminente português, uma grande conferência mundial da paz, o anseio maior de todo o mundo nesses dias tão trágicos. Em Lisboa, claro, a conferência.

Bem, a graça de qualquer viagem compreende a bem-aventurança da volta à casa e à família, o reencontro com o cotidiano e as estendidas conversas de atualização. E algumas leituras também de atualização. Por exemplo, dois números atrasados da Carta Capital: oh, não é à toa que estão querendo acabar com ela!

Na primeira, a notícia que estava faltando: a de que as Forças Armadas não se dobraram ao golpe demolidor da economia nacional e estão agindo em silêncio, atentas à continuidade dos grandes projetos estruturantes sob sua responsabilidade: a matéria sobre a excelência da atuação da Marinha no programa de desenvolvimento da energia atômica e no projeto do submarino de propulsão nuclear é muito importante e muito auspiciosa. Assim como altamente alvissareira é revelação da falsidade das acusações sobre o Almirante Othon e a notícia de que ele já está em casa, voltando a pensar no Brasil.

Estes foram dois dos alvos principais do golpe, e logo foi disparado sobre a Nuclep um torpedo com a demissão de Jaime Cardoso e sua substituição por um novo presidente escolhido para desmontar a empresa e o projeto, fato que gerou revolta de todos os empregados. A matéria da Carta reforça a confiança na Marinha e deixa um rastro de convicção de igual credibilidade sobre a Aeronáutica, no tocante ao projeto do avião de última geração e toda a sua sequência tecnológica.

O número seguinte da imperdível Carta Capital traz duas entrevistas antológicas: uma, longa, do próprio Almirante Othon Pinheiro da Silva, contando detalhes da sua longa atuação na Marinha que lhe valeu todas as maiores condecorações, e afirmando, sem rodeios, que a sua condenação interessava ao sistema internacional de poder contrário aos BRICS.

Esta afirmação, aliás, condiz plenamente com a vergonhosa (para o Brasil) demissão do competente diretor brasileiro do Banco dos BRICS, Paulo Nogueira Batista, que tinha mandato e uma brilhante ficha de serviços prestados a esta nova instituição criada com tão grande empenho dele mesmo e cercada de louvores e esperanças das nações economicamente oprimidas pelo sistema FMI-BIRD do grande capital.

A outra entrevista capaz de retemperar as nossas forças é a da Presidente Dilma Rousseff: curta, incisiva, clara, convincente, mostrando toda a maturidade e a sabedoria próprias das pessoas honradas que sofreram injustiça flagrante. Injustiça, esta, comandada pela mesma força que atingiu o Almirante: os enormes interesses daquele grande capital, aliado aos mesquinhos anseios de poder dos velhos entreguistas daqui, associados ou estipendiados por aqueles espertos e implacáveis agentes internacionais.

Bem, volto retemperado. Acreditando ainda muito no Brasil. Não temos furacões nem terremotos da natureza mas somos sujeitos a cataclismos políticos que sopram no Norte. Eu vivi três: em 54, em 64 e em 2014. O intervalo passou de 10 para 50 anos; uma constatação positiva...

Roberto Saturnino Braga

saturninobraga@saturninobraga.com.br

www.saturninobraga.com.br